



Amazônia como cenário da vida efervescente nas obras literárias de Inglez de Souza e José Veríssimo

The Amazon as a scenario of effervescent life in literary writings of Inglez de Souza and José Veríssimo

*Itamar Rodrigues Paulino**, *Elían Karine Serrão da Silva**, *Habia Santos de Melo**

**Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)*

Resumo: O tema *Amazônia* sempre esteve ligado à biodiversidade, seja pela história, filosofia, antropologia, economia, seja pela literatura. Porém, nos tempos atuais já despontam no espaço literário questões mais complexas do indivíduo amazônica. Tais questões não são novidades para escritores do século XIX, na Amazônia. Inglez de Souza e José Veríssimo, nascidos em Óbidos, região do Baixo Amazonas, são expressões literárias com força regional ímpar no cenário moderno brasileiro. É com essa perspectiva que o presente artigo é proposto. Em três momentos, apresentamos cenários efervescentes da vida na floresta. Entrelaçados, esses momentos compõem uma história que nos permite justificar uma literatura de expressão amazônica e uma condição de ser e viver na região da floresta, resgatando fontes primeiras de uma literatura emancipada do cenário romântico brasileiro, por meio dos escritores Inglez de Souza e José Veríssimo. Ao final, discorreremos sobre esses escritores e sua legitimidade em apresentar a Amazônia no cenário literário brasileiro e mundial.

Palavras-chave: Amazônia. Literatura. Cultura. Floresta.

Abstract: Literature and society have always had their encounters. If important issues of Society, how gender and race move themselves, in literature it would not be different. The novel in its European origin is strongly linked to the rise of the bourgeoisie and its customs. In Brazil, the novel appears as a reading of the bourgeoisie and belongs to the national elite. Over the years, the novel maintains the predominance of the same profile in its authorship. The black people occupy the place of an object of study, often being constructed as stereotyped characters: the black rascal man, the domestic black woman, the servant, the attractive and sexualized mulatta. With regard to women, if for them, the process of building space as authors of novel presented their difficulties, for black women it became a rare space, and reflects what happens in the social context in so many other areas. This journal seeks to understand the reasons for the lack of writing of black female author novels in Brazil and the erasure that several works have gone through, in addition to the emergence of a resistance movement that today presents us with a much larger number of works by these authors.

Keywords: Amazon. Literature. Culture. Forest.

Introdução

A Amazônia é uma região com registro de grande diversidade cultural, e a cultura está estritamente ligada à vida familiar e em sociedade, ao trabalho e à educação, às relações individuais e coletivas com o meio ambiente. A cultura também está ligada aos modos de comunicação e expressão das pessoas, aos seus trejeitos de linguagem, e a seus valores morais, tornando-se assim dimensão fundamental do processo social e identitário de um povo. Segundo Santos (2006), cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social. Esse conceito está intrinsecamente relacionado à literatura já que esta é uma arte que leva para o cenário estético as representações da cultura de um povo, por meio de uma linguagem, que tem significado e que dá existência ao enredo, dotando-o de racionalidades sobre racionalidades e irracionalidades humanas.

Não por acaso, Antônio Cândido afirmou que a literatura

É um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito. (CÂNDIDO, 1976, p. 25).

Cândido deixa evidente que o grande elemento do processo literário é o efeito que ele pode produzir entre leitores e autores a partir da existência de uma obra. Mas esse efeito não se processa esteticamente sem que o leitor adentre no universo da literatura e esta lhe dê as condições necessárias à apreensão, contemplação e crítica sobre a realidade na qual o objeto literário ganhou existência. Neste sentido, o escopo que faz uma literatura se sustentar na sua singularidade é o seu enraizamento na realidade, escancarando as nuances culturais de um povo na sua lida cotidiana. Por isso, José Veríssimo insistiu para que o Brasil compusesse sua emancipação literária a partir de suas realidades culturais extremamente diversas e regionais. Afirma Verissimo que

A literatura que se escreve no Brasil já é a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente

portuguesa. É isto absolutamente certo desde o romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. (VERÍSSIMO, 1969, p. 2).

É justamente no entremeio de portugueses abasileirados e brasileiros aportuguesados, imergidos em cenários habitados por povos originários constantemente assediados e maltratados desde os tempos da colonização e por povos africanos desenraizados de seus territórios ancestrais, que são compostos os hábitos culturais que servem de inspiração às ricas narrativas da literatura brasileira.

É possível expandir, conforme sugere Cândido, os limites estreitos dentro dos quais eram delimitados os debates sobre o *fato literário e a condição necessária* de se fazer literatura a partir de uma organicidade social e de uma sistematização estética, o que implica no que o próprio Cândido ousou defender, o de que o fato literário não é problema da autonomia literária, mas da literatura como *fenômeno de civilização* (CÂNDIDO, 1981, p. 18).

É neste sentido que procuramos entrelaçar Cultura e Literatura para apresentar a Amazônia. Nossa discussão envolve mais do que questões da biodiversidade amazônica, já que intentamos trazer ao debate literário a existência de vários grupos sociais com expressões de identidade e memória próprias, com manifestações artísticas e linguagens distintas, com crenças, ritos e rituais, e com peculiares modos de viver e ser em relação com o meio ambiente (SILVA; PAULINO, 2019). Esses aspectos da vida do amazônida, ou seja, daquele que nasceu, viveu ou vive nessas terras, e daqueles que não nasceram nela, mas estabeleceram suas vidas sob as condições que a natureza impõe, servem de tópicos de entendimento dessas populações, suas culturas e modos de vida próprios, embora alterados em diversos aspectos em decorrência do processo de colonização e ocupação do território nacional, por europeus exploradores, e por africanos trazidos por portugueses como escravizados para o trabalho de produção agrícola, pecuária e mineral.

No caso de nosso debate, faremos uma relação organicamente interdisciplinar juntando história, sociologia, estética, entre outras áreas das ciências e da filosofia, para ampliar as condições que confirmam a existência de uma literatura de expressão amazônida cujas culturas tão fortemente hibridizadas entre as matrizes portuguesa, indígena e africana, são o mote sustentador de enredos e cenários.

Neste aspecto, nossos estudos apresentam três momentos importantes. No primeiro, compomos um cenário histórico que nos permita justificar uma literatura Amazônida e a condição de ser e viver na floresta, evidenciando de imediato que optamos por resgatar as fontes primeiras de uma literatura emancipada do cenário romântico brasileiro ainda no século XIX, ou seja, a manifestação da vida, obra e enxertos dos escritores amazônidas Ingles

de Souza e José Veríssimo. Feita essa composição, traremos ao debate cenas da vida amazônica de Inglez de Souza: a memória entre fatos e imaginações; e cenas da vida amazônica de José Veríssimo: entre causos e dramas. Ao final, discorreremos sobre esses escritores e sua legitimidade em apresentar a Amazônia no cenário literário brasileiro e mundial.

1 Literatura de Expressão Amazônica e a Condição Amazônica de Ser e Viver, enraizadas em Inglez de Souza e José Veríssimo

Ao se escrever ou se falar sobre a Amazônia é imprescindível considerar as questões da biodiversidade. A Amazônia é apresentada ao mundo desde o início de sua colonização por espanhóis, portugueses, franceses, ingleses, holandeses e alemães como um grande Eldorado, terra com abundância de ouro escondido nas entranhas de uma floresta densa e misteriosa. Todavia, seria falacioso apresentar a biodiversidade amazônica sem considerar as pessoas que nela e dela vivem. Na contramão dessa apresentação, registros narrativos de expedicionários teimaram em considerar que nessa floresta misteriosa habitaria povos, mas estranhos à ‘normalidade’ europeia. Esse olhar exótico, eurocêntrico e colonialista perpassou séculos, alcançando a História Literária Brasileira que, dotada de visão equivocada, sempre apresentou a Amazônia ao mundo de forma insipiente, insuficiente e exótica.

Por isso mesmo, é fundamental destacar que os olhares sobre a Amazonia dos que a ela pertencem costumam extrapolar e até contrastar com essa visão externa limitada à ideia de ser a Amazônia uma região pouco afeita à diversidade por ser simplesmente uma vasta Floresta com seres estranhos. Decerto que contrária a essa visão equivocada, está o fato de que a Amazônia não foi nem é um espaço homogêneo. No espectro real sobre o aparente enquadramento de um olhar sobre a densa floresta serão certamente encontrados diversos povos, seus costumes, suas adaptações à lógica da floresta e suas manifestações culturais, de identidade e de memória, ainda que o olhar europeu insista em ignorar ou invisibilizar.

Por conseguinte, são fundamentais as aproximações conceituais entre cultura, literatura, história, sociologia e filosofia, entre outras, para se conhecer o modo de ser e viver na região amazônica. Aos escritos narrativos do século XIX feitos por Marcos Herculano Inglez de Souza (1853-1918), publicados na forma de trilogia e nomeados de *Cenas da Vida Amazônica*, a saber, *História de Pescador* (1876) *O Cacauleta* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877), além do romance-tese *O Missionário* (1891); e de seu conterrâneo, o escritor José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916), e duas de suas grandes obras, *A Amazônia* (ensaio) (1891) e *Cenas da Vida Amazônica* (1899), feitas com sensibilidade e criticidade sobre um mundo visto antes de maneira exótica e desenraizada das efervescências de vida, juntam-se

as referências memoriais de cronistas, expedicionários e religiosos europeus (CARVAJAL, 1542¹; TEIXEIRA, 1638-1639; ACUÑA, 1641; SPIX, MARTIUS, 1820; BATES, 1863; WALLACEL, 1889; HERIARTE, 1864), entre outros, com visões eurocêntricas, e sem significações textuais que permitam entrecruzamento às diversas culturas locais, já que essas narrativas prévias aos romances de Souza e Veríssimo foram focadas em descrições das peculiaridades de floresta tropical, principalmente das riquezas faunísticas, florais e minerais, desconsiderando identidades e memórias dos povos locais.

Com olhares diversos e diferentes dos centrados em preceitos e preconceitos da cultura europeia, as narrações de raiz amazônica expressam as opções que os escritores da região fizeram ao mergulhar em diversos eventos ficcionais cujos dramas e casos narrados são vivências comuns de personagens comuns, que manifestam uma condição humana de vida própria da região amazônica, ou seja, apresentam suas identidades e memórias, ainda que de um ponto de vista conflitante ao preconizado por obras historiográficas (NEVES, PAULINO; FIUZA, 2020). Neste sentido, é sensato destacar que as referências epistemológicas para a compreensão de obras romanescas amazônicas devem estar vinculadas a conceitos como identidade, memória, natureza e condição humana.

Frutos de invenções da genialidade autoral, as narrativas romanescas amazônicas adotadas por Inglês de Souza e José Veríssimo são configurações estéticas e estilísticas que demonstram preocupação minuciosa com a linguagem matuta, a consciência do conflito entre o civilizado travestido de europeu que impinge um grau de subjugação aos não Europeus brasileiros da Amazônia, e o matuto que se percebe diferente e autodeterminado na sua condição de vida adaptada à lógica da floresta em contraponto ao modo europeu de viver na floresta. Essa discussão que as narrações literárias amazônicas costumam apresentar, seja na forma de contos, seja na forma de romance, ou no formato de crônica, são dispostas sob as condições epistemológicas e estéticos que chamam o leitor a uma indispensável reflexão sobre a vida a partir da floresta.

Entretanto, o mergulho autoral que resulta numa estética singular internalizada nos romances de Souza e Veríssimo, não terá êxito no universo do leitor se este não optar por também fazer o mergulho atitudinal estético no sentido e na concepção de existência humana que esses escritores fazem a partir e através do ambiente da floresta amazônica.

Neste caso, trouxemos ao debate perspectivas afirmativas de que os romances de escritores da Amazônia são fontes históricas de acontecimentos rotineiros, evidentemente culturais, que ultrapassam o limite temporal do século XIX, na região Amazônica, alcançando nossos tempos. Em outros termos, os estudos de literatura de expressão

¹ As datas neste recorte do texto referem-se à publicação da obra mais importante do referido autor sobre a Amazônia.

amazônida não podem prescindir da existência de diversas culturas com costumes e valores diferentes, e que se deve em definitivo superar discussões que insistem em adotar modelos ocidentais como fatores padronizadores de cultura.

Para que seja compreendido um conceito mais abrangente de cultura, é necessário considerar a cultura como um modo coletivo de vida, com características peculiares e com condições regulares para coexistir com outros modos, sem que para isso um modo necessite assumir-se superior ou inferior a outro. Nesse sentido, ressaltamos ao menos dois entendimentos sobre o conceito de cultura. O primeiro consiste em compreender que, diferentemente do que defendeu Edward Burnett Tylor, em sua obra *Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom* (1871), e que serviu às teorias da evolução cultural, não há um modelo de processo civilizatório e pré-estabelecido de cultura, em que se perpetua a obediência a padrões de modos de vidas e valores. O segundo entendimento é o de que é plausível compreender que cultura é um conceito disseminado no espaço das manifestações coletivas e dos comportamentos individuais e sociais na vida cotidiana, sendo por isso amplo, abrangente e pleno de conexões entre saberes e práticas, defendida por antropólogos e filósofos contemporâneos (MALINOWSKI, 1970; LÉVI-STRAUSS, 1975; BOSI, 1992; LOUREIRO, 1995; ABBAGNANO, 2007; GEERTZ, 2008; BOAS, 2010).

Esse cenário epistemológico de *cultura* também serve como cenário epistemológico de literatura, já que é no cruzamento entre os dois cenários que discutimos a condição amazônida de ser e viver a partir da literatura de Inglez de Souza e de José Veríssimo, buscando racionalidades que sirvam de estrutura de equilíbrio entre os discursos cultural e literário sobre determinadas obras romanescas, principalmente aquelas produzidas no contexto do Norte Brasileiro.

2 Cenas da Vida Amazônica de Inglez de Souza: a memória entre fatos e imaginações

Herculano Marcos Inglez de Souza, nascido em 28 de dezembro de 1853, em Óbidos, cidade situada no oeste paraense, e falecido em 6 de setembro de 1918, no Rio de Janeiro, exerceu a profissão de advocacia e jornalismo, além de ter sido professor e escritor. É o introdutor do Naturalismo na Literatura Brasileira com a produção da trilogia *Cenas da Vida Amazônica*, constituída de três romances, iniciando com a publicação de *História de Pescado e O Cacaulista*, seguido de *O Coronel Sangrado*, nos anos de 1876 e 1877.

Este escritor também contribuiu com a fundação da Academia Brasileira de Letras

juntamente com seu conterrâneo, o também obidense José Veríssimo, em parceria duradoura com Machado de Assis, e outros grandes escritores da literatura brasileira na época. Influenciado pelas obras de Eça de Queirós e Emile Zola, Inglez de Souza iniciou sua vida literária aos vinte e dois anos publicando textos em jornais da cidade de Santos à época pouco valorizados nacionalmente. Barreto sugere que essa repercussão pouco atenta pode ter sido motivada porque nessa época seus escritos eram vistos como narrações “eminente regionalistas, ambientadas na Amazônia natal do escritor, um paraense da cidade de Óbidos” (BARRETO, 2003, p. 15).

As obras mais importantes de Inglez de Souza são *História de um Pescador* (1876), *O Cacaalista* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1892), que apresentam a vida cotidiana numa cidade encrustada no coração da Floresta, no entremeio de Manaus com Belém, numa época de efervescência cultural europeia na região. Nas narrações, o escritor mergulha no modo de viver dessa sociedade, destacando detalhes ao compor nos limites da ficção o que a realidade na Amazônia se lhe apresentava. Seus romances descortinam a vida social de pequenas vilas ribeirinhas de Óbidos, lugares cuja representação o autor faz a partir das famílias abastadas que cultivavam extensas plantações de cacau, das tramas políticas, e de casos amorosos que a vida comum provocava (BARRETO, 2003).

Embora adepto do cientificismo positivista em voga na Europa em sua época, Souza não se comprometeu em apresentar tratados ou teorias científicas sobre a vida das pessoas no dia a dia na Amazônia, mas em tecer enredos que permitam ao leitor debruçar sobre a Amazônia a partir da internalidade textual, e apreender um universo diversificado de culturas em processo de hibridização.

Essas apresentações podem ser notadas, por exemplo, no romance *História de um Pescador*, que narra a vida de José, um tapuío² filho de Benedita e do pescador Anselmo Marques, e seu amor por Joaquina. Conta o texto que Joaquina, seu irmão, sua mãe e José foram a uma festa no cacau Santo Antônio, do alferes Pinto. Na festa estava o capitão Fabrício que ao ver a bela moça, passou a elogiá-la e a lhe fazer provocações. “...O miserável, sob pretexto de apreciar os corais, passou lubricamente a mão pelo colo de Joaquina com um sorriso asqueroso de luxúria” (SOUZA, 2007, p. 82). Conforme a narração, Joaquina pareceu aceitar o jogo de Fabrício, pois passou aquela noite dançando com o capitão. Durante o jantar,

² *Tapuío* ou *tapuia* é um termo de origem tupi, corruptela de *tapuy-ú* – o gênio bárbaro, onde vive o gentio – utilizado por vários séculos, no Brasil, para designar os índios que não falavam a língua tupi, e que viviam no interior, na *Tapuírama* ou *Tapuíretama* – a região dos bárbaros ou dos tapuias. Era também uma generalização gentílica para os índios que tinham certo grau de resistência ao colonizador. (Cf: CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil - 1583-1625*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4788>. Acesso em: 10 fev. 2021).

José a perdeu de vista. Passou então a procurá-la e a encontrou saindo de um quarto da senzala de escravos, correndo, chorando e gritando. O capitão Fabrício acabara de atentar contra sua honra. De imediato, o capitão chamou a moça de “apresentada”, oferecida aos seus desejos e se eximindo do ato.

Dias depois, o tapuio José pediu explicações à Joaquina sobre sua atitude e preferência por homem branco. Ele disse que havia pessoas “que pensam que um branco vale mais do que um tapuio [...] mas não veem que os brancos só querem caçar delas”. Joaquina retruca: “pois se eu agradei ao sr. capitão... agradei, aqui está. E ele é um homem muito bonito... pois se eu até gosto muito dele! É um homem branco. Eu sou mameluca, e gosto dos brancos!” (SOUZA, 2007, p. 90). A reação de Joaquina, dando preferência ao homem branco feriu a José. A ferida aumentou com atos cruéis do capitão, que se valia de sua condição social para impedir o casamento do tapuio, tomando-a para si e o humilhando ao privá-lo de casar-se com amada Joaquina. A ferida de José se transformou em ciúme, ápice no desfecho do enredo. Em *História de um pescador*, Souza parece nos alertar sobre as lutas de classes comuns no interior da Amazônia, principalmente entre tapuios e senhores de terra, caboclos e brancos, cujo formato de desfecho ainda é o de eliminar um dos vértices da tríade amorosa.

Neste mesmo sentido, estão *O Cacaalista* e o *Coronel Sangrado*. No primeiro, o mote é um conflito entre dois vizinhos proprietários de plantação de cacau sobre questões de terra, a “algumas milhas acima da cidade de Óbidos, à margem do Paraná-meri” (SOUZA, 1866, p. 2). Miguel, um jovem que vivia com a mãe, dona Anna, em um sítio herdado do falecido marido João Faria, que a custo de trabalhos como regatão conseguira dinheiro. Com a morte do marido, Anna teve que cuidar do filho órfão, no sítio repleto de cacau e cabeças de gado, e de mulatas escravas. Até que um conflito de terra com o Tenente Coronel Ribeiro, então chefe da Guarda Nacional em Óbidos, fazendeiro na região do Paranameri, que ganhava a vida a custa de golpes dados em fazendeiros vizinhos, pai da jovem Ritinha, toma conta da cena.

Miguel se incomodara com as tentativas do tenente de tomar todas as terras do Paraná-meri, chamada de Uricurizal³. Talvez porque o próprio tenente desejara certa ocasião casar-se com sua mãe, Anna, e o pedido foi rejeitado pelo pai por ver no tenente, um senhor de poucas posses à época e de pele mulata. A narração segue investindo no conflito sobre posse de terras do Baixo Amazonas entre Miguel e Ribeiro, na área do Uricurizal, e a paixão de Miguel por Ritinha, a filha de Ribeiro. O desfecho ocorre com a derrota de Miguel na justiça pelo tenente Ribeiro e a perda de suas terras. Isso faz com que ele tenha de buscar outros caminhos para sobreviver fora de Óbidos. A narração explicita que quando chegou o

³ Também chamado de Uricurizal (plantação de urucu), é uma porção de terras localizada no *Paranameri* [atual *Paraná de Maria Tereza*], 40 minutos de barco médio (bajara) pelo rio Amazonas, na subida de Óbidos, Pará.

dia dos depoimentos das testemunhas (Capucho, Martinho Mendes e Antunes Abreo), somente o primeiro testemunhou ser a terra do Uricurizal de propriedade de Miguel, embora os três tenham prometido testemunhar a favor de Miguel. Derrotado, ele vai à igreja conversar com seu tio Padre José, e desabafa sobre o casamento de Ritinha com o recém-chegado a Óbidos o alferes Moreira, apesar de sua paixão por Miguel, que dada a situação se tornou inimigo do pai da moça. Abalado, Miguel se dirige a um vapor (embarcação) e parte para Belém.

A narração realista de Souza bem que poderia levá-lo a um comportamento violento de vingança ou suicida para resolver a questão; contudo, Souza solucionará a trama levando Miguel para a capital do Pará (1866, p. 188-192), e o romance é encerrado sem maiores detalhes. Esse romance só terá outro desfecho na terceira parte da trilogia, o Coronel Sangrado.

No terceiro episódio, Souza também faz uso de seus personagens para discutir os trejeitos de ser e viver do povo da Amazônia, e sua relação com a floresta. *O Coronel Sangrado* apresenta a derrocada do Coronel Sangrado, apelido dado ao Coronel Severino de Paiva, e as representações culturais do povo amazônida. Na obra emerge o conflito pessoal vivido por Miguel Fernandes – protagonista de *O Cacauleta*. Ela narra o retorno de Miguel, a morte do marido de Ritinha (Alferes Moreira), a tentativa do Coronel Sangrado de estabelecer seu poder político na região induzindo Miguel a se candidatar a um cargo político, e as traições recorrentes entre os velhos políticos brasileiros. A chegada de Miguel a Óbidos coloca Sangrado em reflexão:

Era um rapazinho, e pescava pirarucus no Paranameri⁴ de cima, quando lhe deu na cabeça brigar com o seu rico vizinho, o Ribeiro, por causa da tal terra de Uricurizal, que não vale dez réis de mel coado; ao mesmo tempo tinha lá a sua queda pela filha do mulato. [...] O rapazito, batido na demanda e no namoro, achou que era melhor abandonar a terra, ingrata pátria, e lá se foi voando para a capital. Nisto tudo só vejo a soberba do tal menino, que só por ter sido vencido numa demanda não quis ficar na sua terra e lá se foi visitar as terras alheias. Quem não sabe o que foi a tal questão de Uricurizal? Uma verdadeira tolice, uma briga entre dois vizinhos ambiciosos e rusguentos e nada mais. Para que fazer tanto barulho com isso, como se essa história fosse reviver? E agora, o que vem ele fazer aqui? (SOUZA, 1968, p. 13).

⁴ Conhecido atualmente como Paraná de Maria Tereza, o *Paranameri* de cima é uma vila distante cerca de uma hora de barco pequeno porte, na entrada do Estreito do rio Amazonas, margem esquerda, próxima à foz do rio Trombetas. Paraná é uma porção de terra que divide um rio em dois braços passando por suas laterais, transformando-a em ilha.

A trama ocorre sem maiores questões até os dias que antecederam as eleições, quando Miguel soube da morte do marido de Ritinha. Entregue a seus pensamentos por ela, ele pondera que o interesse de Sangrado era fazê-lo seu genro casando-o com sua filha Mariquinha, e colocá-lo na política, e caso vencesse as eleições, eles teriam uma relação de favor estabelecida, consumada e exitosa em Óbidos. Contudo, seu desejo era outro, casar-se com Rita. Decidiu então que Sangrado deveria por conta própria lutar por seus interesses políticos, e para que Sangrado não pensasse que Miguel o tinha traído e abandonado, este tramou perder as eleições.

Após o pleito, Sangrado adoecera. Afinal Acreditou ter elegido Miguel de Faria até sobre seus amigos, e a descoberta da traição o desmoronara. Além disso, logo depois do pleito também chega a ele a notícia do casamento de Miguel com Rita e isso levou de vez suas forças por viver. Após o enterro de Sangrado, encontra-se no canto da sala sentada numa rede, sua filha Mariquinha que, isolada e resignada por seu amor perdido chorava a morte do pai, enquanto Miguel conseguira reencontrar e casar-se com Ritinha.

Nota-se que Inglez de Souza tinha obsessão em escrever sobre seu lugar de origem e o faz por meio de uma obra romanesca (NEVES, PAULINO, FIUZA, 2020). Por meio dela faz uma aproximação fiel da realidade insinuada por ele para afirmar que não houve ocultamento ou um silenciamento autoral dos acontecimentos mais importantes da época, seja por meio do narrativo ou por meio do não narrado, sobre o cotidiano social e cultural na Amazônia.

3 Cenas da Vida Amazônica de José Veríssimo: entre causos e dramas

Além de Inglez de Souza, temos outro grande escritor que faz coro aos escritores que têm a legitimidade para apresentar a sociedade amazônica a partir de escritos literários. José Veríssimo Dias de Matos, que também nasceu em Óbidos, no dia 8 de abril de 1857, e faleceu no dia 2 de dezembro de 1916, no Rio de Janeiro. Na juventude, estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, retornando a Belém em 1876, por motivos de saúde, onde exerceu atividade docente e colaborou com jornais locais. No ano de 1878, publicou seus primeiros textos, *Quadros Paraenses* e *Viagem ao Sertão*. Em 1880 e 1890 participou de diversos congressos literários internacionais na Europa, apresentando em suas palestras a

temática do *homem marajoara* e o rico universo cultural e natural da *Antiga Civilização Amazônica*⁵.

De volta ao Rio de Janeiro em 1891, foi nomeado diretor do renomado Colégio Pedro II. Veríssimo também ajudou na organização do periódico *Revista Brasileira*⁶, órgão que serviu de núcleo intelectual dos escritores que fundaram a Academia Brasileira de Letras. Entre suas grandes obras estão *A Amazônia* (ensaio) (1891) e *Cenas da Vida Amazônica* (1899). No ano de 1907, concluiu a publicação das seis séries dos Estudos de Literatura, e em 1916 publica sua grande obra historiográfica de expressão nacional, *História da Literatura Brasileira*, referência nos estudos de literatura. Também se destacou como escritor, acompanhando e contrapondo seu conterrâneo Souza, ao compor sua obra *Cenas da Vida Amazônica*. Veríssimo era tão importante no cenário literário brasileiro que Machado de Assis, escreveu em seu artigo para o jornal *Gazeta de Notícias*, publicado no Rio de Janeiro em 1899, que seu livro respirava a vida da floresta:

Aqui está um livro que há de ser relido com apreço, com interesse, não raro com admiração. /.../ Já era tempo de dar às *Cenas da vida amazônica* outra e melhor edição. Eu, que as reli, achei-lhes o mesmo sabor de outrora. Os que as lerem, pela primeira vez, dirão se o meu falar desmente as suas próprias impressões. Talvez achem comigo que o título é exato, sem dizer tudo. São efetivamente cenas daquela vida e daquele meio; sente-se que não podem ser de outra parte, que foram vistas e recolhidas diretamente. Mas não diz tudo o título. Três, ao menos, das quatro novelas em que se divide o livro, são pequenos dramas completos. Tais o *Boto*, o *Crime do Tapuio* e a *Sorte de Vicentina*. O próprio *Voluntário da pátria* tem o drama na alma de tia Zeferina, desde a quietação na palhoça até aquele adeus que ela fica acenando na margem, não já ao filho, que a não pode ver, nem ela a ele, mas ao fumo do vapor que se perde ao longe no rio, como uma sombra. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 721-722).

⁵ Entre os eventos em que José Veríssimo palestrou na Europa está o X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, ocorrido no ano de 1889 na cidade de Paris, quando fez uma comunicação intitulada “O Homem do Marajó e a Antiga Civilização Marajoara”.

⁶ Embora diversos autores considerem Veríssimo como fundador da *Revista Brasileira*, registros na Academia Brasileira de Letras apontam que ele participa da organização da revista apenas a partir da sua terceira fase, já que a primeira foi organizada por Cândido Batista de Oliveira, entre os anos de 1857 e 1860; e a segunda foi dirigida por Nicolau Midosi, produzida entre os anos de 1879 e 1881. A terceira fase da *Revista Brasileira*, que é iniciada em 1895 e ocorre até 1899, é de fato organizada por José Veríssimo. Na direção de Veríssimo, foram publicados vinte volumes, compondo a literatura nacional na *Revista*. Para mais informações conferir a biografia de José Veríssimo no sítio: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>.

As apropriadas anotações de Machado de Assis demonstram sua admiração pela riqueza de detalhes da realidade cultural e natural da Amazônia descritos por Veríssimo em *Cenas da Vida Amazônica*. Essa admiração é, em nosso modo de observar, um testemunho esclarecido, emocionado e cheio de estilo:

Tudo é inumerável e imensurável. São milhões, milhares e centenas os seres que vão pelos rios e igarapés, que espiam entre a água e a terra, ou bramam e cantam na mata, em meio de um concerto de rumores, cóleras, delícias e mistérios. O Sr. José Veríssimo dá-nos a sensação daquela realidade. A descrição do caminho que leva ao povoado do Ereré, através do “coberto”, do “lavrado” e de um espaço sem nome, é das mais belas e acabadas do livro. Assim também a do Paru, ou antes a história do rio nas duas partes do ano, de verão e de inverno, um só lago intermínimo ou muitos lagos grandes, as ilhas que nascem e desaparecem, com os aspectos vários do tempo e da margem. Não são descrições trazidas de acarreto. As pessoas das narrativas vão para ali continuar a ação começada. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 722).

Diferentemente de Souza, que fizera uma trilogia romanesca intitulada *Cenas da Vida Amazônica*, José Veríssimo publicou uma coletânea de contos com o mesmo sugestivo nome de *Cenas da Vida Amazônica*. Nela, o escritor obidense apresenta a floresta como lugar de história. Neste sentido, uma pessoa que fizer uma leitura apurada da obra notará o entusiasmo com que Veríssimo fala da vida amazônica. No conto *O crime do tapuio*, por exemplo, ele leva o leitor a duas instigantes cenas que demonstram a questão do Naturalismo. A primeira cena conta a história de José Tapuio, que certa ocasião enfrentou uma cobra sucuri na mata. Já na segunda cena, José é apresentado enfrentando um julgamento por suspeita de assassinato (VERÍSSIMO, 2011). As duas cenas são instigantes e demonstram as opções estéticas de Veríssimo no seu escrito.

Na primeira, diante da serpente, o tapuio é posto em condição de inferioridade física, mas dotado de agilidade e inteligência, o que o ajuda na hora de subjugar o animal com uma pequena arma branca. A segunda cena, contudo, mostra o astuto, ágil e inteligente tapuio da primeira cena completamente entregue às condições do julgamento, fragilizado diante da situação na sala de júri. O tapuio cai diante do júri por não dispor da arma da palavra (VERÍSSIMO, 2011). As duas situações mostram o Naturalismo apresentando o antagonismo como um de seus temas mais importantes, isto é, as relações conflitivas e amistosas entre Sociedade e Natureza.

Por isso, é sensato ponderar que Veríssimo e Souza, ainda no século XIX, influenciaram o modo de se fazer literatura no País, principalmente quanto ao Realismo e ao

Naturalismo. Como podemos notar, ainda que de maneira resumida, as obras desses dois escritores permitem ao leitor enveredar no espaço existencial do povo da Amazônia, para daí conhecer e reconhecer sua relação tão peculiar com a floresta, que serve de forja para produzir uma possível condição humana amazônida de ser, entrelaçada de culturas.

É nesta lógica que, segundo Paulino (2016), desde meados do século XIX a literatura amazônida tem apresentado narrações que descrevem não somente o ambiente natural, exaltando a grande floresta tropical, como também a realidade social e a diversidade cultural local, fazendo uso de linguajares próprios da região e experimentando estruturas estéticas que possibilitam uma coerente articulação entre a obra e o contexto que justifica sua existência.

Também são ousadas as estratégias estéticas de Veríssimo e Souza ao descrever a condição amazônida de uma época por meio de proposições tão provocativas que inserem a literatura de expressão amazônida no contexto das grandes literaturas mundiais, já que há nela o encontro severamente conflituoso e o debate efervescente entre pessoas de culturas diversas. Nesse encontro há uma provocação aos leitores, pois diferentemente dos romancistas de sua época, Souza e Veríssimo assumem as condições regionais e naturais – bem ao estilo do realismo – como lugar de criação e recriação na forma de observar, apreender e apresentar a realidade.

Considerações Finais

A literatura de expressão amazônida, principalmente a originada a partir dos anos noventa, após a redemocratização do Brasil, expressa um complexo conflito entre a valorização das diversas culturais regionais e a busca de universalização de um pensamento tipicamente amazônida. Em outros termos, o conflito está em como apresentar ao mundo essa aproximação da realidade, contemplando diversas variações linguísticas e expressões das vivências coletivas e individuais, e que ajude o leitor amazônida ou não a constituir suas próprias percepções de verdade, organizar suas memórias, conhecer-se e reconhecer-se na sua condição humana. Se essa apresentação é possível de universalização, não podemos afirmar categoricamente.

Contudo, o que nos é evidente é que a história, a literatura, a filosofia, a sociologia têm resgatado as riquezas literárias do passado amazônida para descrever o ambiente natural, a realidade social e a diversidade sociocultural local, fazendo uso de linguagens próprias da região, evidenciando que escritores como Inglez de Souza e José Veríssimo experimentaram formatos estéticos que articulam texto e contexto, para demonstrar um pensamento possível

sobre a existência humana a partir da *Floresta Tropical*, a saber, a floresta amazônica, e provocar reflexões sensíveis na humanidade.

Sem qualquer pretensão de universalismo literário, intentamos apresentar reflexões a partir de um desafio plausível, de pensar uma possível “condição amazônica de uma época” (PAULINO, 2016, p. 582), aproveitando que o mundo nas últimas décadas tem passado por novas configurações em seus modelos sociais, redefinindo a si a partir de conceitos do tipo sustentabilidade, ecologismo, ambientalismo, preservação, conservação, devastação, exploração, resistência, entre outros. A condição amazônica de uma época é uma proposta provocativa que o universo literário de expressão amazônica, nas *Cenas da Vida Amazônica*, propõe debater, ou ao menos que ela aponte em forma de denúncia que as estruturas racionais eurocêntricas, principalmente as desenvolvidas e resultantes do período moderno – que no Brasil coincide com o período da colonização – são alérgicas às aparências, às coisas sensíveis, pelo motivo de que não se pode reduzi-las à intelectualidade pura (PAULINO, 2016). Entendemos que há um medo dessas “coisas alérgicas” levarem o pensamento burguês colonizador de volta ao caos primitivo que a razão instrumental dessa classe já parece ter colocado em ordem.

Se a literatura nascida no coração da Amazônia é uma dessas alergias das quais o pensamento burguês quer distância, ainda é preciso mais aprofundamento para afirmar. Entretanto, com a redemocratização brasileira, essa literatura se embrenhou em um lugar cuja finalidade nos parece ser a de narrar um processo que exigisse ao mesmo tempo o entendimento, na forma de um pensar, e o ato sensível, por meio da sensibilidade diante da invenção artística, sobre a lógica de vida amazônica, e conseqüentemente propor saídas ao sufocamento provocado pelas atitudes alérgicas burguesas aos fatos literários tão provocativos, porque ensaiam o poder da diversidade das culturas que a Amazônia possui. É neste ambiente de debate que trazemos as *Cenas da vida Amazônica* de Inglez de Souza e José Veríssimo.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACUÑA, Cristóbal. *Nuevo descubrimiento del Gran Río de las Amazonas*. Madrid: Imprenta del Reino, 1641.

BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da Vida Amazônica*. Uma leitura Socioantropológica da Obra de Inglês de Souza. São Paulo: Letras à Margem, 2003.

BATES, Henry (1863). *Um naturalista no Rio Amazonas*. Coleção Reconquista do Brasil, Vol. 53. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. *Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil - 1583-1625*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4788>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CARVAJAL, G. (1542). *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana*. Sevilha: BNE/Babelia, 2011. Disponível em: <https://blogs.elpais.com/papeles-perdidos/pdf/gaspardecarvajal.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Trad. de Celso Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HERIARTE, Mauricio [1662]. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Vienna-AUT, Imprensa do Filho de Carlos Gerold, 1874. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or110374/or110374.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica, uma poética do imaginário*. Belém-PA: Cejup, 1995.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Um livro [Cenas da Vida Amazônica]. In: MACHADO DE ASSIS. *Conto e Teatro. Casa Velha*. Rio de Janeiro, 1962, v. 2, p.. 721-722 (Obra completa) Disponível em: http://docvirt.com/Hotpage/Hotpage.aspx?bib=Anais_BN_WI&pagfis=4724&url=http://docvirt.no-ip.com/docreader.net#. Acesso em: 10 fev. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

NEVES, Francenilce S, de Paula; PAULINO, Itamar R.; FIUZA, Adriana A. de Figueiredo. A Leitura de ‘O Coronel Sangrado’ e o mergulho na Amazônia de Inglês de Souza: uma proposta epistemológica do Romance. *Línguas & Letras*, v. 21, n. 51, p. 7-24, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24695/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PAULINO, Itamar Rodrigues. Entre les remous de l’imaginaire et les houles du réel: un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité. In: OLIVIERI-GODET, Rita . *Cartographies littéraires du Brésil actuel: Espaces, acteurs et mouvements sociaux*. Bruxelles: Peterlang, 2016. v. 14. 580p.

SANTOS, José Luis dos. *O que é cultura?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Elian Karine S. da; PAULINO, Itamar R. Amazônia como lugar de culturas: conceitos, contextos e condições identitárias e memoriais. *REVELLI*, v. 11, 2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/9065/6681>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. *O Coronel Sangrado. Coleção Cenas da Vida do Amazonas* [1877]. Belém, UFPA, 1968.

_____. *O Missionário* [1891]. Universidade da Amazônia – UNAMA, Manaus. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00128a.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. *História de um Pescador* [1877]. Belém: EDUFPA, 2007.

_____. *Contos Amazônicos* [1893]. Coleção acervo brasileiro, Vol. 1, 2. ed. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018. Disponível em: <https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-amazonicos-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. *O Cacaolista: cenas da vida amazônica* [1866]. Santos: Typ. a vapor do Diário de Santos, 1976. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7074>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Vol. 244(1v), 244b(2v), 244c(3v). Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, 2017.

TEIXEIRA, Pedro. *Viaje del capitán Pedro Texeira, aguas arriba del rio de las Amazonas: 1638-1639*. Autor Secundário Jimenez de la Espada, Marcos 1831-1889. Madrid: Imprenta de Fortanet, 1889.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. London: John Murray, 1871

VERÍSSIMO, José. *Cenas da Vida Amazônica*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

WALLACE, Alfred Russel (1823-1913). *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Notas de Basílio de Magalhães*. Brasília, Senado Federal, 2004. [A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley. London (GB); New York (USA); Melbourne (AUS), Ward, Lock, 1889.

ITAMAR RODRIGUES PAULINO

Doutor em Teoria Literária pela UnB, com pós-doutoramento pelo Instituto de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, docente e pesquisador da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), coordenador do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de vida (PPGSAQ), e do Programa de Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (PROPEXT-CIMA) da UFOPA.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7267990477179816>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5058-8998>

E-mail: itasophos@gmail.com

ELIAN KARINE SERRÃO DA SILVA

Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida pela Universidade Federal do Oeste do Pará, é pesquisadora do Programa de Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia, do Centro de Formação Interdisciplinar, da Ufopa.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3998754179945484>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3332-359X>

E-mail: karinessilva@outlook.com

HABIA SANTOS DE MELO

Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, pela Universidade Federal do Oeste do Pará, é pesquisadora do Programa de Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (PROPEXT-CIMA) da UFOPA.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3817211654213477>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3033-7918>

E-mail: habia_atm@hotmail.com